

Adolescentes em medidas socioeducativas: um estudo sobre estigma.

Vidal Alex y Koerich Bruna.

Cita:

Vidal Alex y Koerich Bruna (2017). *Adolescentes em medidas socioeducativas: um estudo sobre estigma*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/124>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVAS:
UM ESTUDO SOBRE ESTIGMA**

Alex da Silva Vidal

alexsvidal@terra.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil

Bruna Rossi Koerich

koerich.bruna@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Este trabalho é resultado de um estudo sobre o conceito de estigma e seus efeitos práticos na vida de jovens em cumprimento de medida socioeducativa. Inicialmente, o estigma foi abordado sob a perspectiva teórica de Erving Goffman, de Norbert Elias e John Scotson e de Michel Foucault. Posteriormente, seguindo as orientações de Goffman, foi desenvolvido o estudo do estigma específico “menor infrator”, analisando-se a sua construção histórica no Brasil, a delimitação e identificação do grupo afetado e os efeitos que esse estigma produz nesta população. A pesquisa compreendeu um grupo de 96 jovens, todos provenientes dos bairros Partenon e Lomba do Pinheiro, localizados na cidade de Porto Alegre. Com o fim de traçar o perfil desses jovens em cumprimento de medida de Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), a pesquisa valeu-se, como material empírico, de documentos do Núcleo de Extensão e Pesquisa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei (PIPA), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que realiza um trabalho interdisciplinar no acompanhamento de jovens em medida socioeducativa, com participação de estudantes, técnicos e professores da pedagogia, psicologia, direito, história, artes, serviço social, enfermagem e ciências sociais. Tais documentos foram obtidos do banco de dados do Programa de Prestação de Serviço à Comunidade (PPSC), Programa este integrante do PIPA, consistindo principalmente de Relatos de Acompanhamento, transcrições de Audiências e relatórios de Plano Individual de Atendimento (PIA). O estudo revelou que estes jovens acabam tendo seus direitos negados, tornando-se meros objetos de técnicas disciplinadoras e normatizadoras do Estado, tudo isto legitimado pelo estigma de “menor infrator”. Esses Jovens são vistos como seres humanos inferiores, perigosos para a sociedade, descartáveis e incapazes (desacreditados). Essa visão perpassa os próprios profissionais de medidas socioeducativas e da rede pública, os quais, por isso, acabam, com frequência, por manter estes jovens à distância, tratando-os de modo paranóico ou perverso, como seres inadequados, excedentes e indesejáveis, sem preocupar-se em conhecer o contexto de vida único de cada um destes jovens e suas potencialidades. O conceito de estigma acabou revelando um efeito duplo que coloca todos os jovens da periferia sob suspeita. Justifica-se tanto a invasão da vida privada das famílias que lá vivem, como a vigilância feita pelos médicos, assistentes sociais, professores e policiais. No caso do estigma do “menor infrator”, todos os jovens da periferia acabam sendo vistos como criminosos em potencial.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This research resulted from a study about the concept of stigma and its practical effects in the life of adolescents under socio-educational measures. Initially, the stigma was approached from the theoretical perspective of Erving Goffman, Norbert Elias and John Scotson and Michel Foucault. Later, following the guidelines of Goffman, the study of the specific stigma of "menor infractor" was developed by analyzing its historical construction in Brazil, the delimitation and identification of the affected group and the effects that this stigma produces in this population. The research comprised a group of 96 adolescents, all from the neighborhood areas Parthenon and Lomba do Pinheiro, located in the city of Porto Alegre. In order to profile these adolescents that were in Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), the research employed, as empirical material, documents of the Núcleo de Extensão e Pesquisa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei (PIPA), from the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), which conducts an interdisciplinary work monitoring teenagers accomplishing socio-educational measures, with the participation of students, technician and professors of pedagogy, psychology, law, history, arts, social work, nursing and social sciences. These documents were obtained from the database of the Programa de Prestação de Serviço à Comunidade (PPSC), which integrates the PIPA, and are mainly Accompanying Reports, transcripts of audiences and reports of Plano Individual de Atendimento (PIA). The study revealed that these adolescents have their rights denied, becoming objects submitted to disciplinary and regulatory techniques of the State, all legitimized by the stigma of "menores infratores". These adolescents are seen as dangerous to society, disposable, unable (discredited) and inferior human beings. This view pervades the professionals that work in the public service, which therefore keep these adolescents in distance, treating them in a paranoid or perverse way, considering them as being inadequate and undesirable, without focusing on their unique life contexts and potentialities. The concept of stigma turned out to have a double effect that put all young people on the periphery under suspicion. Both the invasion of the private life of the families living there, and the vigilance of doctors, social workers, teachers and police are justified. In the case of the stigma of the "minor offender", all young people on the periphery end up being seen as potential criminals.

Palabras clave

(Incluir 3 palabras clave en español o portugués)

Estigma, Adolescentes, Conflito com a lei.

Keywords

(Incluir 3 palabras clave en inglés)

Stigma, Adolescents, Conflict with the law.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Nossa intenção neste artigo é trabalhar a hierarquização de seres humanos e seus direitos. Mostrar que os discursos que estigmatizam têm uma função na manutenção dessa hierarquia. Neste texto, trabalhamos mais especificamente sobre o estigma do jovem em conflito com a lei, ou como é mais conhecido o “menor infrator”, e a forma como é utilizado para criminalizar os jovens da periferia, com o objetivo de desacreditar, deslegitimar, inferiorizar e submeter toda uma classe social.

Buscamos realizar, principalmente, uma reflexão teórica sobre o conceito do estigma, costurando a perspectiva de quatro autores sobre o tema. Ao construir um conceito de estigma em cima da discussão destes autores, buscamos também identificar e desenvolver ferramentas úteis para servir de análise empírica para outras pesquisas. Cada um destes autores trazem um olhar importante para pensar o estigma e o seu funcionamento na sociedade. Erving Goffman será utilizado para pensar o que é o estigma e como ele age na dimensão do sujeito. Norbert Elias e John Scotson, trazem uma dimensão social dessa problemática discutindo a função do estigma, abrindo a discussão para a relação entre grupos sociais e dominação. Michael Foucault nos revela como o estigma funciona e circula na sociedade, demonstrando como seus instrumentos operam.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

A primeira consideração que podemos fazer sobre o estigma é que ele é uma força negativa. Negativa no sentido de que tem a capacidade de saltar aos olhos os atributos considerados negativos de uma pessoa e inclusive acrescentar outros que não estão ali. Para explicá-lo fica mais fácil partirmos de seus efeitos. O estigma é uma força que deforma, cria uma ilusão, engana. Quando essa força é lançada em alguém, esse se transforma aos olhos dos outros. Mas há que ressaltar que não é o indivíduo em si que provoca essa mudança; são esses olhares externos que vão compondo um tipo de casca virtual que o envolve. Quanto mais pessoas o enxergarem a partir desta casca, mais grossa ela vai ficando, mais o indivíduo vai desaparecendo atrás dela e mais difícil fica quebrá-la.

Goffman chama essa casca de *identidade social virtual*. É uma imputação que se faz ao indivíduo de acordo com um retrospecto social em potencial, ou seja, de acordo com o que imaginamos do indivíduo devido a algumas de suas características. O que ele na realidade possui, o que seria o seu verdadeiro eu, é a *identidade social real*. A *identidade social real* é complexa e fala do próprio sujeito. (GOFFMAN, 1988 p. 28).

Como construímos a identidade social virtual? Como tantas pessoas distantes umas das outras podem enxergar a mesma identidade virtual em um indivíduo?

Todos nós carregamos uma informação social e a revelamos através de algumas de nossas características, mesmo sem intenção, como a expressão corporal e a fala. São signos. Assim, quando vemos um jovem de periferia usando um moletom com capuz, boné, calça larga, tênis de marca e corrente brilhando no pescoço, interpretamos estes signos como um alerta de que este indivíduo pode ser perigoso e possivelmente um “delinquente”. A partir de sua roupa, modo de andar e falar, construímos sua identidade virtual dentro de um estereótipo pronto e estigmatizado. Ou seja, são essas informações sociais visíveis, ou conhecidas, que nos permitem encaixar um indivíduo dentro de algum estereótipo.

Goffman (1988, p. 5) diz que sempre que vemos uma pessoa pela primeira vez, é natural



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tentarmos decifrá-la. Em geral, os estereótipos podem trazer vantagens em uma situação e desvantagens em outras¹, o que deve ficar marcado é que esse conceito trata de uma simplificação do sujeito a partir de informações sociais iniciais e que é a partir destas informações que, muitas vezes, tentamos encaixar o indivíduo dentro de rótulos pré-definidos, que estão disponíveis num acervo mental da sociedade. Segundo Goffman, é impossível não olhar para estas informações sociais e não decodificá-las. Agora, o que vamos fazer com elas, é outra história.

Para o autor, há três tipos de estigma. O primeiro são as abominações do corpo, características que podem ser de nascimento, como a surdez, ou adquiridas durante a vida, como a perda de algum membro. O segundo tipo são as culpas de caráter individual. É sobre essa que me deterei neste trabalho; não é um estigma necessariamente visível e é mais ligado à moral. O terceiro tipo compreende os estigmas transmitidos pela linhagem, como determinada raça/cor/etnia, religião, nação etc. (Goffman, 1988 p. 7)

Segundo Goffman, por definição “acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano” e, a partir disso, fazemos vários tipos de discriminações: “Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ele representa, racionalizando [...] uma animosidade baseada em outras diferenças” (GOFFMAN, 1988, p. 15).

Uma nota interessante que Goffman ressalta é que não é para o diferente que se deve olhar em busca de compreensão da diferença, mas sim para o comum. O estigma em si não é negativo ou desonroso; isso depende do contexto social e cultural em que se está situado. Por isso, a questão das normas sociais acaba sendo certamente central. Além disso, deve-se entender o lugar que estes grupos ocupam na estrutura social, o que não pode ser compreendido sem uma referência histórica (GOFFMAN, 1988, p.137).

Finalizando, Goffman entende o estigma como uma relação social que envolve dois papéis: do que estigmatiza e do estigmatizado. Cada indivíduo participa dos dois lados, pelo menos em algumas situações e em algumas fases da vida; não existe a simples separação entre estigmatizados e normais. Não são pessoas, mas sim perspectivas geradas em situações sociais: “São papéis de interação e não indivíduos concretos.” Muitas vezes aquele que é estigmatizado também



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tem preconceitos normais contra estigmatizados diferentes. (GOFFMAN, 1988, p. 148) Concordo quando ele fala que o estigma é uma relação social, papéis a serem interpretados, e não indivíduos, pois o estigma se dá exatamente entre grupos e não entre indivíduos. Mas, justamente por ser uma relação social entre grupos, o estigma também é uma relação de poder e só funciona, só é verdadeiramente efetivado, se um grupo dominar o outro, se um grupo tiver um discurso com maior legitimidade que o outro. Goffman é brilhante em sua análise sobre o estigma, mas esqueceu de uma coisa fundamental - verificar como ele é utilizado na sociedade, ou seja, para que(m) ele serve.

Os autores que nos chamaram a atenção para a função social do estigma foram Norbert Elias e John L. Scotson, razão pela qual é muito importante trazê-los para discussão.

Elias e Scotson chamam a atenção para o fato de o estigma poder ser lançado por uma categoria ou grupo a outro, criando uma barreira emocional, uma relação entre superiores e inferiores, difícil de ser removida. Revelam que a estigmatização é uma relação de poder: o estigma social imposto por um grupo poderoso a outro, costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. Em seu estudo sobre uma pequena cidade na Inglaterra, os autores perceberam esta ação de um grupo residencial antigo sobre outro grupo recém-chegado. Com o sucesso na estigmatização do outro grupo, os mais antigos conseguiram manter um controle social, reservando para seu tipo os cargos mais importantes das organizações locais, excluindo firmemente os outros moradores. “Afixar o rótulo de valor humano inferior a outro grupo - dizem os autores - é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social.” (ELIAS; SCOTSON, 1994, p. 24) A estigmatização é uma relação de poder que acontece entre grupos. Para os autores, é um processo de dominação.

Os autores colocam que o autocontrole individual e a opinião grupal estão articulados entre si no grupo dos estabelecidos de sorte a que estes possam manter-se coesos. Sentir-se parte de um grupo superior e contar com a aprovação interna do grupo é uma questão importante. O grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como ameaça à sua superioridade - de poder, humana, de carisma coletivo, - através da rejeição e humilhação contínuas do outro grupo. É importante pensarmos, aqui, que o estigma, na verdade, pode ter muito mais a ver com o



sentimento de superioridade e com a manutenção de um estilo de vida de uns, do que com a inferiorização de outros.

Mas eu gostaria de voltar aos estabelecidos, pois é a partir de suas concepções que se constrói essa hierarquização entre os seres humanos. Elias e Scotson perguntam sobre as vantagens do que eles chamam de “estabelecidos”, além do financeiro e político. É interessante pensar que talvez o maior peso esteja nessa manutenção dos valores de um cotidiano mais íntimo e mais conhecido, de manter este sentimento de estabilidade e pertencimento e de garantir sua própria identidade. Ou seja, assumindo uma preponderância política e econômica, se assumiria também um considerável controle social como forma de preservar o seu modo de viver.

Para Elias e Scotson, existem alguns traços comuns na estigmatização dos outsiders, entre os quais a anomia é a mais freqüente. A anomia está ligada à desintegração das normas que regem a conduta da sociedade e asseguram a ordem social. Assim, os outsiders são vistos, normalmente, como pessoas ligadas à ilegalidade, indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros. (ELIAS; SCOTSON, 1994, p. 27) Tanto Goffman quanto Elias e Scotson salientam o quanto o estigma está ligado à norma social ou, melhor dizendo, à quebra dela. Por isso, para se estudar o estigma, deve-se estudar a norma, pois é ela que define o que está além de seus limites.

A força de um estigma depende muito dos vários meios de poder superior de um grupo. A coesão, o poder político, econômico, tecnológico e emocional são prerrogativas para o sucesso ao se lançar um estigma sobre outro grupo de forma brutal a ponto de legitimar uma dominação. Segundo Elias e Scotson, esses grupos de outsiders, quando tem uma submissão inelutável, vivem efetivamente sua inferioridade de poder como sinal de inferioridade humana. O estigma se torna tão forte, tão denso, tão naturalizado que estes grupos acabam internalizando estes discursos e muitas vezes aceitando a sua inferioridade como verdade.

Foucault entra nesta discussão para nos auxiliar a entender como os discursos estigmatizadores funcionam. Elias e Scotson constataram que o estigma se constrói numa relação de poder, então primeiro vamos trazer como o poder funciona para Foucault.

Para Foucault, o poder não é um fenômeno de dominação maciço e homogêneo. Não pode ser exercido exclusivamente por uma pessoa, nem por um grupo, nem por uma classe. Segundo o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

autor, o poder circula, funciona em cadeia. Exerce-se o poder em rede, os indivíduos estão sempre em posição de ser submetidos pelo poder, assim como também podem exercê-lo. O poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles.

Desde que nascemos nosso corpo é bombardeado por discursos e técnicas de poder, que nos vão construindo enquanto sujeitos. É nesse sentido que o autor coloca os seres humanos como um dos alvos e também como um dos produtos do poder. As técnicas de poder que nos formam enquanto sujeitos, nós acabamos por reproduzir, seguir e repassar. Os discursos que nos constituem, assim como o comportamento a que fomos sujeitados, nós acabamos por propagar cotidianamente. Sendo assim, nós somos também transmissores de poder.

O poder circula. No entanto, isso não quer dizer que ele é democrático ou que funciona ao acaso; não quer dizer que é bem distribuído e nem que ele não seja direcionável. Por isso mesmo, há que se ter cuidado ao supor a intenção e a direção do poder. Foucault ressalta que utilizou em seu método uma análise ascendente do poder.

Exatamente por essa característica de ter de convencer, Foucault coloca que o poder não pode existir “nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro.” (FOUCAULT, 2005, p. 28) As múltiplas relações de poder que perpassam, caracterizam e constituem o corpo social, estão todas atreladas aos discursos de verdade que funcionam a partir e através do poder. Discursos de verdade são aqueles que trazem consigo efeitos de verdade, e é a partir deles que somos julgados, condenados, classificados cotidianamente, impelidos a tarefas e destinados a certa maneira de viver. (FOUCAULT, 2005, p. 29)

Na modernidade, os principais discursos de verdade são aqueles embasados e certificados nos saberes, são eles que legitimam essas diferentes narrativas e versões de fatos como verdadeiros, como realidade. Ou seja, esses discursos funcionam, são ações, tem efeitos práticos. O seu discurso legítimo, discurso de verdade, será o discurso da regra, o discurso do que é natural, o discurso da norma. (FOUCAULT, 2005, p. 45) Isso é importante para nossa discussão, porque são esses discursos que “cheiram a verdade”, que são utilizados muitas vezes para estigmatizar outros grupos.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Foucault nos serve então para entender como esses dispositivos atuam em diversos níveis, produzindo efeitos reais, como políticas de Estado, padrões de comportamento, inimigos da sociedade, hierarquização social, naturalização da desigualdade, formação dos sujeitos etc. Entendo que, para este trabalho, é muito importante perceber estas articulações, pois me parece que o estigma atua no nível dos discursos, alimentando ao mesmo tempo toda essa engrenagem. Quando pensarmos os estigmas, teremos que ter em mente esta engrenagem.



III. Metodología

Como metodología de trabalho, constituímos um perfil dos 95 jovens que passaram pelo Programa de Prestação à Comunidade (PPSC) da Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS) nos anos de 2009 e 2010. Nossa intenção era ter uma pequena amostra de quem são os adolescentes que geralmente são selecionados pela justiça para cumprirem medida socioeducativa; de quem são esses jovens estigmatizados como “infratores”, delinquentes e perigosos. Para isso minha principal fonte será o banco de dados do Programa de PSC da UFRGS. O banco de dados é alimentado a partir das entrevistas com os adolescentes que ingressam no programa que executa medida de meio aberto.

Também utilizamos os arquivos do PPSC/UFRGS, principalmente, os *relatos de acompanhamento* dos jovens em medida socioeducativa que por lá passaram durante os anos. Os acompanhamentos se deram em situações variadas, como na escola, no Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAs), no Centro de Atenção Psicossocial (CAPs), em audiências judiciais, em idas para fazer documentos (Certidão de Nascimento, RG, CPF, Carteira de Trabalho, Título de Eleitor), em cursos profissionalizantes ou não, em acompanhamentos na FASE, no Programa com egressos da FASE, Semiliberdade, em circulações na rua, em postos de saúde, em círculos familiares e outros. Esses acompanhamentos são registrados em forma de relatos nas fichas de cada adolescente atendido. O meu foco, no exame desses relatos, foi identificar situações em que o estigma dificultou a circulação ou agravou a situação destes adolescentes nesses diferentes espaços. Não me limitei em estudar os adolescentes em conflito com a lei em um único espaço, como a FASE ou escola, pois o estigma deve ser analisado na sociedade como um todo, já que se manifesta nas relações e não nos espaços físicos. Inclusive é interessante perceber em que espaços as relações de estigma aparecem mais fortemente, ou não aparecem.

É importante destacar que esses relatos do PPSC têm muitas características do etnográfico, do olhar que a equipe tem para os adolescentes como figuras centrais nas diversas situações por que passam. Suas reações, falas e entendimentos são sempre alvo da equipe quando escreve,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

o que torna os relatos muito ricos. Assim como, muitas vezes, as próprias reações e sentimentos de quem escreve e passa por diversas circunstâncias com os adolescentes, nos dão muitas pistas sobre o olhar que estes adolescentes têm em diferentes situações vivenciadas. Esse acompanhamento também permite que a equipe presencie a relação que esses lugares têm com estes adolescentes ou como os enxergam.

Nosso foco esteve nas situações onde o estigma de estar em medida socioeducativa aparece e dificulta a garantia de direitos do adolescente e também no efeito que isso provoca nele. É importante aproveitar esses relatos para vislumbrar como o adolescente se sente frente essas relações estigmatizadas e como isso pode influenciar nos objetivos da medida socioeducativa. Ressalto também que o estigmatizado não existe sem aquele que o estigmatiza. É uma relação que precisa dos dois lados. Sendo assim, há que se ter atenção também para as atitudes e o entendimento das mesmas situações de parte daqueles que utilizam o estigma para oferecer um tratamento diferenciado.

Como metodologia de investigação dessas fontes, nos baseamos principalmente o utilizado por Foucault. Seu método pensa em investigar a partir de baixo. Investigar na base os mecanismos de controle que, por exemplo, excluíram a loucura e a delinquência e reprimiram a sexualidade. Mostrar também quem foram os agentes reais desses mecanismos (que não estão no âmbito da burguesia), que muitas vezes estão nos círculos próximos, na família, no corpo médico, no escalão mais baixo da polícia, assistência social, etc. Trata-se de mostrar como esses mecanismos de poder se transformam e são adaptados de forma a serem economicamente lucrativos e politicamente úteis. (FOUCAULT, 2005, p. 37 e 38)

Foucault alerta que a atenção a essas micro relações de poder na base social são necessárias e que sem elas as formas de governar do Estado não se sustentam. Assim, essas relações de poder são induzidas, de certa forma, comandadas pelos grandes poderes de Estado ou pela dominação de classe. A estrutura de Estado ou os dominantes precisam utilizar todas as táticas locais que sujeitam os indivíduos, todas estas micro lutas, como uma espécie de grande estratégia, para se enraizar até em baixo, para, a partir dali, conseguir manter-se. (FOUCAULT, 2003, p. 231) São relações de poder que submetem, que legitimam formas de ser, formas de hierarquizar, for-

mas de se comportar, e assim constroem uma norma.

IV. Análisis y discusión de datos

A análise do perfil dos 95 jovens que passaram pelo PPSC/UFRGS entre 2009 e 2010 demonstrou que os jovens selecionados pela justiça são os que habitam a periferia, vem de famílias trabalhadoras que têm empregos que exigem muita força física e pouca qualificação. Mais da metade destes jovens são negros, tem escolaridade precária, estão fora da escola, tem entre 15 e 17 anos e devido a pouca idade e a pouca qualificação, tem poucas chances de empregos. Isso acaba por empurrá-los para o mercado informal ou para os bicos. Esses jovens são envolvidos pela violência e criminalidade que existe nas periferias das grandes cidades, e suas infrações à lei são, principalmente, contra a propriedade, lesões corporais e tráfico de drogas ilícitas. De acordo com o levantamento do banco de dados do PPSC/UFRGS, esses são os jovens estigmatizados como “infratores”, como seres perigosos, os quais a sociedade deve combater, separar ou modificar.

A partir de alguns documentos e relatos das equipes do PPSC/UFRGS que se referem a situações vividas por jovens em conflito com a lei e trabalhadores da rede pública que os atendem, percebemos que na grande maioria das vezes, esses jovens têm seus direitos negados ou dificultados. Estigmatizados, estes jovens são tratados de forma violenta pela sociedade e pelos serviços públicos, são tratados como traidores, inimigos dos cidadãos de bem, párias que não conseguem conviver de acordo com o pacto social. Nos relatos das equipes do PPSC/UFRGS no acompanhamento dos jovens, ficava evidente as barreiras impostas para eles conseguirem, vagas nas escolas, fazer a carteira de identidade, ser atendido no sistema de saúde, além da forma como eram vigiados em muitos espaços por seguranças.

É interessante pensarmos que o adolescente em conflito com a lei tem uma característica negativa, subjetiva e não visível para as outras pessoas (moral). Mesmo assim, de alguma forma, ela parece ser presumível. A figura do jovem em conflito com a lei parece se misturar com a do jovem da periferia das grandes cidades. Invariavelmente, é da pobreza que o perigo parece surgir.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Neste momento eu pergunto: O estigma do “infrator” é lançado apenas nos jovens que cometem alguma infração à lei, ou sobre toda a periferia? Em realidade, o que sugiro é um efeito duplo do estigma, que coloca uns como perigosos e outros como suspeitos ou perigosos em potencial.

Os diferentes estigmas que foram lançados sobre as periferias, justificam uma série de tecnologias que as vigiam, conduzem, iludem, oprimem, humilham, classificam, sugam até a última gota de suor. Vistas com indiferença quando seguem a norma, são criminalizadas quando pisam fora da linha. Este é um dos principais papéis do estigma, como já vimos. O estigma do “menor infrator” está junto desse pacote. Se olharmos atentamente, iremos constatar que as pessoas a encherem os presídios, assim como os jovens que estão em medida socioeducativa, em meio aberto ou fechado, são das zonas pobres das grandes cidades, ou seja, existe uma seleção do sistema de justiça.

É fácil perceber que os símbolos sociais (informações sociais nas quais se baseia a identidade social virtual), em que o acervo mental de nossa sociedade reconhece o jovem “criminoso”, são muito parecidos com os símbolos sociais usados pelos jovens da periferia. Isso porque são praticamente os mesmos, já que se fixou a imagem de “menor infrator” à de “jovem da periferia”. Ou seja, torna-se muito fácil confundir os dois. Isso talvez seja comum em estigmas vinculados à moral e à norma, pois não são estigmas evidentes visualmente. Por exemplo, estar em conflito com a lei não é um estigma visível, e isso cria uma abertura para que alguns símbolos sociais específicos, como aqueles pelos quais são conhecidos os “infratores”, nos chamem a atenção para suspeitas. Não coincidentemente, esses símbolos sociais são compartilhados também por jovens que vivem nas periferias de grandes cidades. Cria-se, então, uma suspeita: ao vermos um jovem da periferia, supõe-se com frequência que ele pode estar envolvido em algum tipo de criminalidade.

Pude perceber uma característica relevante do estigma: a sua natureza difusa e de certa maneira dispersa. Sendo assim, o estigma tem um efeito duplo: ao mesmo tempo em que atinge a imagem de determinado grupo, também coloca sob suspeita outros que compartilham informações sociais parecidas. Ela cria os perigosos e os em perigo (ou suspeita) de o ser. Por isso, podemos dizer que o estigma é uma força difusa, que não é específica ou precisa, mas que, em realidade,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

respinga em outros que estão ao redor dos estigmatizados, expondo-os também em situação de desconfiança. No entanto, não podemos ser ingênuos de pensar que, por ela ser difusa, ela não seja bem direcionada. Fica muito claro que o discurso que reforça o estigma do jovem em conflito com a lei tem como endereço certo não apenas os jovens, mas a periferia em geral.

Seguindo o raciocínio, podemos perceber também que o número de adolescentes em medida socioeducativa é relativamente baixo em relação à população total da mesma faixa etária no Brasil. Segundo o Levantamento Anual do Sistema Socioeducativo de 2011, eram 19.595 adolescentes em medida de meio fechado¹ e 69.650 adolescentes em medidas de meio aberto², sendo que, no mesmo ano, tínhamos um total de 20.666.575 de adolescentes (entre 12 e 17 anos) em números absolutos no Brasil. Realmente, são números muito pequenos. No entanto, os discursos de ódio, punitivistas, de lei e de ordem, seguem circulando forte na sociedade brasileira, de forma que criminaliza os jovens da periferia, os transformando em monstros brutais que estão escondidos em cada esquina, causando mais medo na população, e consequentemente, reforçando o estigma que paira sobre suas cabeças.

A partir desse efeito duplo do estigma, coloca-se toda a região da periferia sob suspeita. Justifica-se tanto a invasão da vida privada das famílias que lá vivem, como a vigilância feita pelos médicos, assistentes sociais, professores e policiais. No caso do estigma do “menor infrator”, todos os jovens da periferia acabam sendo vistos como criminosos em potencial. Alguns mais, outros menos, dependendo de seu comportamento. Essa suspeição sustenta a permanência da polícia nessas regiões. O fato de a polícia, ocasionalmente, aprisionar alguns desses jovens, sejam culpados ou não, impulsiona a necessidade de se manter a vigilância e a repressão, ao mesmo tempo em que se fortalece o estigma do “menor infrator”, com as características ou informações sociais idênticas às do jovem da periferia. É um ciclo por onde o poder flui e reforça tanto o estigma quanto os mecanismos de controle por ele legitimado.

¹ Estão contabilizados adolescentes em medida de internação, Semiliberdade e Internação Provisória.

² Estão contabilizados adolescentes em medida de Liberdade Assistida, Prestação à Comunidade e Advertência.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Durante a minha pesquisa ficou muito clara a dificuldade de técnicos e educadores que trabalham com medidas socioeducativas em superar o estigma que esses jovens carregam. O próprio funcionamento do sistema de execução dessas medidas dificulta o processo.

O estudo revelou que estes jovens acabam tendo seus direitos negados, tornando-se meros objetos de técnicas disciplinadoras e normatizadoras do Estado, tudo isto legitimado pelo estigma de “menor infrator”. Esses Jovens são vistos como seres humanos inferiores, perigosos para a sociedade, descartáveis e incapazes (desacreditados). Essa visão perpassa os próprios profissionais de medidas socioeducativas e da rede pública, os quais, por isso, acabam, com frequência, por manter estes jovens à distância, tratando-os de modo paranóico ou perverso, como seres inadequados, excedentes e indesejáveis, sem preocupar-se em conhecer o contexto de vida único de cada um destes jovens e suas potencialidades. O conceito de estigma revelou-se, assim, instrumento útil para estudos sobre jovens em conflito com a lei e em cumprimento de medidas socioeducativas.

O estudo também evidenciou um achado importante, a sua natureza difusa e de certa maneira dispersa do estigma moral. Sendo assim, o estigma tem um efeito duplo: ao mesmo tempo em que atinge a imagem de determinado grupo, também coloca sob suspeita outros que compartilham informações sociais parecidas. Ela cria os perigosos e os em perigo (ou suspeita) de o ser.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L.. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders : sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

FOUCAULT, Michel. (2005) *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)*. São Paulo : Martins Fontes.

GOFFMAN, Erving. (1988) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.